

UM DESAFIO LÚDICO

Pequenos Burgueses, de Carlos de Oliveria.

Lisboa, publicações Dom Quixote, 1970, 3ª ed.

Sandra Márcia Pereira (Unicamp)

*"Sociedade? Se há coisa que eu detesto é isso!  
É a sociedade que fica constantemente impondo  
as suas exigências aos indivíduos, mas impedin  
do que eles se desenvolvam sem obstáculos ..."*

*Máximo Gorki*

*Pequenos Burgueses*

Ler Pequenos Burgueses de Carlos de Oliveira é montar um quebra-cabeça. Delineia-se, no decorrer da obra, a pintura de uma situação, de maneira que, no final, surge-nos aos olhos o quadro completo.

A narrativa é fragmentada em vários capítulos com diferentes focos narrativos, o que nos dá uma ilusória sensação de independência das partes, mas há que se notar que os fragmentos não são estanques; muito pelo contrário, cada capítulo recupera ou antecipa informações indispensáveis ao entendimento integral de outros capítulos.

A marca de dependência de cada fragmento em relação ao todo pode ser lapidarmente exemplificada pelo seguinte fato: quando nos deparamos com este trecho do capítulo XVIII:

"Ricardo entra no quarto:

-Queimaram outro ouriço, mana." (p. 114),

descobrimos que a personagem incôgnita que observava a queima de um ouriço no capítulo XV era, afinal, Ricardo.

Assim como a montagem de um quebra-cabeça requer aguçada atenção, a leitura deste romance do escritor português só é viável a um leitor efetivamente atento. No capítulo XVI, por exemplo, só chegamos a entender que o diálogo que se dá é entre Raimundo e mestre Horácio ao retomarmos informações do segundo capítulo (em que se

narra a briga de Raimundo com Troncho), assim como do terceiro (onde se diz que mes tre Horácio é ferrador e bom contador de histórias).

Em última instância, a narrativa constitui um todo formado por peças que se encaixam umas às outras e nas quais cada reentrância ou saliência é importante na composição do sistema.

É sintomático o capítulo sexto, que justamente fala sobre o jogo, ser elaborado de maneira similar à construção do livro, ou seja, circularmente. O romance, como nos lembra Carmem Lúcia Zambon Firmino<sup>1</sup>, tanto começa como termina com as andan ças de Raimundo e este capítulo apresenta, no início e no final, diálogos praticamen te idênticos:

"-Outro brandy.

-Porto.

-Mais cerveja.

-Nada. Estou na minha conta.

-Yo? Já lo sabes.

-Tinto?

-Tinto parreirón." (p. 53)

"-Mais cerveja.

-Porto.

-Nada. Estou na minha conta.

-Brandy.

-Parreirón." (p. 56)

E eis o que em tal capítulo se diz sobre o jogo:

"Bebem e o jogo recomeça. É um círculo fechado (...) O sistema reage a cada alteração individual, porque o baralho capta logo e mete no circuito. O jogo é isso, o equilíbrio de uma certa energia, dum certo perigo mútuo (...)" (p. 53-54)

Deve-se ter em vista, assim, que o caráter lúdico que perpassa a estruturação formal da narrativa não é gratuito: ele ganha significação dentro de uma das leituras possíveis da obra.

O círculo que se forma no capítulo oitavo e na narrativa como um todo (percorre-se um caminho e volta-se ao mesmo ponto) não dá a idéia de algo que se fecha sobre si mesmo, que causa estagnação, sendo que não nos é inviável fazer uma analogia com a organização social capitalista. Contribuindo para tal pensamento analógico, a narrativa, a nível de conteúdo, nos fornece elementos para pensarmos o jogo enquanto sistema (vide citação anterior) e pensar sistema nos remete à imagem de um todo fechado, regido por um conjunto de convenções, onde as regras fornecem uma certa previsibilidade dos acontecimentos. Em outras palavras, cada elemento desempenha um papel e dele não pode escapar para que o equilíbrio do sistema seja mantido.

Daqui para diante, falar-se-á do círculo enquanto símbolo de estagna

ção e da impossibilidade de fuga em relação ao sistema, entendendo-se aqui como sistema a sociedade burguesa.

A relação monetária mais explorada no livro, como bem está dito pela autora já citada, é a que se instaura dentro de uma cadeia circular. O Major dá dinheiro a sua amante Rosário, o Delegado toma para si este dinheiro e, por sua vez, compra um presente a Cilinha, filha do Major. Tal transação é explicitada pelo próprio Delegado, que, assumindo a narrativa, enuncia:

"O dinheiro de teu pai circula. Uma espécie de cadeia da felicidade. Ele, Rosário, eu e tu (legítima herdeira). Um circuito quase fechado".

Para o Major, o rompimento do círculo familiar não é impune, ao contrário, a personagem só aventa a possibilidade de viver definitivamente com a amante sob a condição sine qua non de poder sustentar duas casas:

"Revê as contas, devagar. Desafogo econômico garantido, que permite sustentar perfeitamente duas casas. Numa, Rosário e eu, na outra, D. Lúcia e os filhos." (p.149)

Uma personagem de grande interesse para o que se quer analisar é Cilinha. A filha do Major aceita seu papel de pequena burguesa, ou seja, é a jovem com um pretendente aceito pela família e que tem em vista casar e ter filhos. Por outro lado ela se encerra num mundo imaginário. Concebe fantasias sexuais com o Delegado, seu pretendente, além de alimentar uma relação fictícia com Pablo Florez, personagem de seu universo onírico. As cartas de amor que escreve a este espanhol nunca são enviadas.

Ainda com Cilinha temos a imagem do círculo, como também nos lembra Carmem L. Z. Firmino: é o "bastidor que prende e fixa o pássaro que ela borda, assim como presa e fixa é a autora do bordado".

A fuga por extrapolação do real se dá também com Raimundo. Seu grande desejo é ter uma mula, posse incompatível com a sua condição social. A certa altura ele sonha:

"Tudo parece em ordem, e daí, talvez, o sono começa a agitá-lo, e revolvê-lo, por dentro e por fora:

- Chô, ruça; chô, linda.

Claro. Galopa a desfilada, numa égua baia.

Querem ver que tomou o freio nos dentes?, tomou mesmo, já não a seguro, meu Deus, destribe-me, saltaram-me as rédeas da mão, ainda mais, socorro, caio, e caí, isto é, acorda num mundo entardecido, sem éguas nem felicidade." (p. 12, 13)

No final do romance, Raimundo chega a entrever a possibilidade de possuir uma mula e quase tem certeza de que vai conseguí-la. A posse, porém, se efetivaria dentro de um domínio mágico, pois a personagem sai à procura do bruxo dos Moirões, a quem pediria o milagre da realização de seu desejo. Também aqui a escapatória se insinua numa instância não realista.

Há personagens que procuram uma solução dentro do real, como é o caso de Troncho e Marciano. O último, ansioso pela ascensão social pelo seu trabalho, é um frustrado e Troncho, por sua vez, desobedecendo ao sistema ao invadir propriedade

alheia e roubar, é punido com a morte.

Até aqui falou-se das personagens habitantes de uma povoação. Convém, assim, analisar a visão que o narrador nos oferece do conjunto:

"A possibilidade de entrever o conjunto da povoação, muito plana, é subire a torre da matriz ou às colinas. Descobre-se então o esboço de uma estrela de pontas desiguais, curtíssimas as que batem nas elevações calcárias, maiores as outras, sobretudo as que estão viradas para o litoral, como se a estrela se tivesse arrastado para o mar por duas léguas de areia (...)" (p. 85, 86)

O que temos, então, é um conjunto que se remete para um todo ainda mais amplo, pois a cidade avança para o mar. Não é gratuita a metáfora da cidade enquanto estrela: pode um corpo celeste se desviar de sua órbita sem levar ao caos o sistema?

Desta forma, mais uma vez, reforça-se a idéia de limitação, de impossibilidade de fuga à ordem estabelecida, em suma, de cerco imposto ao indivíduo pela sociedade burguesa.

---

NOTA:

1. FIRMINO, Carmem Lúcia Zambom. "O binômio 'Eu e Os Outros' nos romances Pequenos Burgueses de Carlos de Oliveira e São Bernardo de Graciliano Ramos". In. VII Encontro Nacional de Literatura Portuguesa, Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1979.